

O Progresso Catholico

... sequor autem, si quo modo
comprehendam...

AD PHILIP. 3. 12.

RELIGIÃO E SCIENCIA
LITTERATURA E ARTES

... ad ea quae sunt priora extendens melpem
ad destinatum persequor, ad bravium
triumphi Ecclesiae... in Christo Jesu.

ID. 13. 14.

O JUBILEU SACERDOTAL

DO

SANTO PAPORE LEÃO XIII

Graças por S. Santidade concedidas aos fieis por ocasião do seu jubileu sacerdotal

LEÃO XIII, PAPA

A todos os fieis de Jesus Christo que vierem as presentes Letras, saude e benção apostolica.

No primeiro dia do anno proximo celebraremos, se approuver a Deus, a solemnidade do Nosso jubileu sacerdotal, e por este motivo exultam de alegria todas as nações do universo e todas as familias assim seculares como religiosas que, por mil modos maravilhosos, no meio da difficuldade dos tempos, nos dão a Nós, divinamente collocado n'esta sublime cadeira de S. Pedro, sollemnnes testemunhos da sua fé, do seu amor, do seu respeito e das suas felicitações. Aceitamos estes testemunhos para os referir a Deus que Nos consola em a Nossa tribulação, e sem cessar lhe supplicamos que abençoê o rebanho do Senhor, que lhe seja propicio e lhe conceda a paz e a concordia ha tanto tempo desejadas.

Commovido por estas manifestações publicas de amor e de piedade tradicional, e accedendo às supplicas que Nos foram dirigidas a fim de que todos os filhos aufram d'esta festa de seu Pae, algum proveito para lograrem a posse da eterna felicidade, determinamos abrir

os thesouros da Igreja, cuja dispensação Deus Nos confiou.

Por isso, em virtude da misericordia de Deus, e apoiando-Nos na auctoridade dos seus apostolos S. Pedro e S. Paulo:

A todos e a cada um dos fieis de Jesus Christo d'um e outro sexo que vierem a Roma em peregrinação por motivo do Nosso jubileu sacerdotal, a fim de testemunharem aberta e publicamente, em nome dos seus povos, a sua piedade e o seu respeito, e para renderem com a obediencia a honra devida à suprema auctoridade que Nos foi confiada por Deus; a todos os fieis tambem d'um e outro sexo que seguirem e acompanharem em espirito e com o coração as ditas peregrinações; como a todos e a cada um dos que, de qualquer modo, prestarem o seu concurso para o bom e feliz resultado d'estas piedosas peregrinações:

Concedemos no Senhor indulgencia plenaria e remissão dos seus peccados, tanto no dia da Nossa indicada solemnidade, como no dia da festa que seguirá immediatamente a novena de orações, repetidas à vontade de cada um, no tempo abaixo designado, se, antes do dia do Nosso jubileu sacerdotal, isto é, no 1.º de janeiro proximo, fizerem uma novena de orações, recitando o terço do santo Rosario, e se repetirem esta novena no tempo que será fixado para as audiencias d'estas peregrinações; se, alem d'isso, depois de sinceramente arrependidos, confessados e alimentados

com a santa communhão, visitarem quer a sua igreja parochial, quer outra qualquer igreja ou oratorio publico, offerecendo a Deus piedosas preces pela concordia dos principes christãos, extirpação das heresias, conversão dos peccadores e triumpho da Nossa Mãe a Santa Igreja.

Alem d'isso, a todos e a cada um que, pelo menos contrictos, celebrarem as novenas de orações acima indicadas, em qualquer dia, d'estas novenas, pedoamos, na fórma usada pela Igreja, trescentos dias de penitencia, que lhes houvessem sido impostos ou que de qualquer modo devessem. E permittemos que todas estas indulgencias e cada uma d'ellas, por este anno sómente, possam ser applicadas pelas almas do purgatorio, não obstante qualquer causa em contrario.

Queremos emfim que aos exemplares impressos das presentes Letras, assignadas por um notario publico e munidas com o sello d'uma pessoa constituida dignidade ecclesiastica, se lhes dê a mesma fé que se daria às presentes Letras se estas fossem exhibidas ou mostradas.

Dado em Roma, junto de S. Pedro, sob o annel do Pescador, no 1.º d'outubro de MDCCCLXXXVII, decimo do Nosso Pontificado.

(L. ✠ do S.)

M. Card. Ledochowski.

SUMARIO:—O Jubileu Sacerdotal do Santo Padre Leão XIII—Graças por S. Santidade concedidas aos feis por occasião do seu jubileu sacerdotal.—Secção Religiosa: O seculo atravez d'um duplo prisma, por Antonio Hermano; Discurso pronunciado pela menina Caçula de Jesus Gomes da Silva, perante S. Ex.ª R.ª e Sr. Arcebispo Primaz, na distribuição dos premios aos alumnos das escolas de S. Francisco em Guimarães.—Secção Historica: Galeria de homens notaveis da Companhia de Jesus, (continuação) pelo Padre João Vieira Neves Castro da Cruz.—Secção Critica: As Irmãs da Caridade—Ingratidão e reconhecimento da França, por Elias de Saunpiao; Coisitas, por um catholico; Missionarios em Coimbra, por um amigo do «Progresso Catholico».—Secção Illustrada: V, Convento de Santa Clara, em Villa do Conde; VI, Uma belleza de Mecca, por R.—Secção Necrológica.—Retrospecto da Quinzena, por J. de Freitas.
GRAVURAS: Uma mostra de Constantinopla; Os gosos innocentes de uma mãe; A conspiração no convento.

SECÇÃO RELIGIOSA

O seculo atravez d'um duplo prisma

ESTE seculo é o symbolo da audacia e da descrença. Audaz como nenhum, tem metamorphosado a face do globo, tem dominado com a sua mão herculea as forças mais validas e as leis mais intimas da natureza. Sob o impulso da sua alchimia potente desentranham-se os milagres da sciencia. Deixando a perder de vista os tempos idos, dir-se-hia que um novo *fiat* creador e vibrante vergou o mundo aos pés do homem, e lhe poz na intelligencia o lume do genio com que desfere titanicos adejos. Conquistou jus ao culto das gerações porvir, içando desassombradamente o balsão do progresso, aformosentado com o monogramma da civilização.

Da immensa peripheria do orbe ressaltam de roldão os avanços e inventos, mechanicos, artisticos, industriaes, scientificos, sociaes, como do disco irradado do sol se desprendem a granel feixes de raios luminosos.

Povoa-se o mundo de fabricas, que sem o dispendio de força braçal, realisam trabalhos gigantes; faz-se da imprensa o sexto sentido do homem, e vestem-se-lhe as azas d'ouro com que se vae espaços acima a galgar as distancias e a vencer as edades, a diffundir luz e a alqueivar a inexaurivel e coroavel campina do pensamento; dá-se um novo roteiro á navegação vasando no mar Vermelho as aguas do Mediterraneo; scindem-se as Americas em dous continentes, transformando Pauamá, de isthmo em canal; desce-se ao fundo dos mares e revolvem-se as penedias no mesmo leito do oceano; dá-se força ascensional aos acreostatos e passeia-se a região das nuvens. Semeia-se de vapores a superficie esmeraldina do globo, e faz-se ouvir o rugido estridente da locomotiva, no seio da culta Europa e nos remotos aripennes do Continente Negro, nos plainos uberrimos do Novo-Mundo e na zona civilisada da florescente Australia; a electricidade, novo faul do mundo, vive submissa no gabinete do sabio e na officina do artista; é terror quando se desentranha em raios, mas é tambem largo horizonte

para as sciencias, e recurso enorme para as industrias.

Este seculo sob o ponto de vista material, é grande: em cada paiz, em cada tracto de terra em que haja imprimido a virilidade do seu poder, deixa uma pagina brilhante, pagina que traz uma epopea de benemerencias, epopea que tem o valor d'uma apothese. apothese que synthetisa mil grinaldas-victoriaes. Este seculo é gigante: tem a polidez d'um espelho de Veneza e a magestade augusta d'um velho encanecido em todas as lides e em todas as sciencias, cujo peito profusamente decorado, relembra um estendal de glorias. O perpassar dos tempos usa puir e esgastar os marmores ou o granito dos monumentos, usa oxydar o bronze das estatuas, usa subverter as raças e os povos, mas não puirá nem oxydará jamais, a legenda que ao seculo dezenove será inscripta entre saphiras no frontal do templo da historia.

Todavia não ha medalha sem reverso, e esta tambem o tem. Se a feição material do momento que passa, tem direito incontrastavel á nossa admiração, o seu lado philosophico religioso, e moral, accusa uma descida e assustadora; representa o broxolear de luz que se extingue, ha n'elle projecções de ruinas, escombros, anarchia e devassidão.

A licença, tomando a desenvoltura provocadora das odaliscas dos harens levantinos, leva de vencida a moral e rompe com desusada affoiteza os diques do decoro. A religião retalhada em mil questões, é triturada pelos parasitas da sociedade, como pabulo nutriente; é alvo para todas as pedradas, inimigo para todos os tiros.

O racionalismo, vendo um reptal audaz nos dogmas e mysterios do christianismo que não sabe comprehender, apressa-se a levantar o imaginario cartél, para vingar a razão que lhes é idolo para todos os cultos.

Os sectarios do indifferentismo, atheismo, deismo e de *tuti quanti* vegeta na calmaria pôdre, accommodam-se flacidamente n'um bergantim de gosos e lávão, mar da vida em fóra, a sabôr da religião natural que é a mais aprazivel: *ao dulce far niente* dos que só crêem no prazer.

O positivismo e materialismo eternamente sepultados no hypogeu da mate-

ria, fazem drapejar ás auras da sciencia o seu estandarte chato e vil, e cortam cerce tudo o que transcende a esphera dos sentidos. Os peixes das tenebrosas cavernas do Kentouki conservam o sentido da vista no estado rudimentar, porque na sua morada jámais penetrou uma restea de luz, e os positivistas atrophiam a razão porque não ousam ascender ao legitimo campo do seu exercicio. A vadiagem de todas as classes, caudal a que alluem as escorias e sedimentos da aristocracia e a nata dos demagogos, sentindo-se agulada pelos gritos da consciencia amarrada ao poste de mil crimes, sacode para longe o fardo irritante da religião, a creença n'uma vida futura e n'um Deus omnipotente que a ligará ao equileo da eterna punição.

As sociedades maçonicas são a temerosa potestade da hora presente. Inquilinas do sub-solo lôm querido vedar á vista dos profanos a effervescencia que estua lá dentro no recinto das lojas.

Que mal lhes fará a luz pura do dia? Porque é que a maçonaria não será franca dizendo-nos o que quer e a que vem? E' porque a base do seu programma é a destruição do catholicismo e de toda a authoridade; é porque, infame e cobarde até ao assassínio, hypocrita até á mentira, grotesca até á estupidez, visa a fins perversos e vale-se de meios illicitos; é Leo Taxil quem o diz com perfeito conhecimento de causa, porque foi um alto dignatario da seita.

No campo scientifico reina a mais pavorosa Babel de ideas, systemas e questões; ninguem se comprehende no meio d'esse marulhar febril do pensamento, que toma por diferentes veredas, acudindo algumas vezes ao rebate da consciencia, mas quasi sempre aos sortidos estímulos do interesse ou ás enganosas miragens da politica, ou ao impulso brutal da inveja e do orgulho.

Quer-se expungir da face do globo tudo o que trescala christianismo, tudo quanto rescenda fragrancias divinas deve votar-se ao mais ignobil ostracismo. De todos os lados se desatam chuveiros de setlas hervadas, sob esse monolitho cujo perfil se desenha ao longo de tantos seculos, firme como a rocha marpea, formoso como a Phenix e como ella renascendo das proprias cinzas, impassivel deante das tempestuosas lufadas de todas as ventanias, como a Sphinge egypciaca a desaliar o embate

perpetuo das areias calcinadas do Sudán. Quando se esgotará o velho carcaz das settas da impiedade?

Se esses apóstolos ardidos da ruína e do esphacelo, não se deslembrassem de que a religião é o só anteparo bastantemente forte para pulverisar as vagas irrequietas dos vícios no pelago das paixões, se se demorassem, um pouco que fosse, a escutar as lições dos annaes da humanidade, repassadas de experiencia e imparcialidade, haviam de moderar seus impetos e vergar-se junto à Cruz que hostilisa com tão ingrato desamor.

Na verdade a irreligião é o fermento, é o antecedente chronologico dos grandes desastres sociaes, é a humanidade haurindo em delirio e a plenos haustos o neclar envenenado de lubricas orgias, é o socialismo, a internacional e o nihilismo, tripudiando nas praças e nas ruas e hasteando bandeiras negras como a morte ou rubras como o sangue; a irreligião é o Paris de 89, é Danton e Robespierre, é Oliva e Passananti é o altar da Razão e o abysmo do espiritalismo e a guilhotina da authoridade e a ruína das nacionalidades.

Todavia querem a irreligião, e para isso, soltam e repercutem com todos echos, o brado temerario de rebellião contra a Divindade, negam-lhe a existencia, e, aniquilada essa verdade-primeira causal unica e sustentaculo diamantino de tudo o que existe, descem a breve-trecho, a facil vertente de todas as negações e affirmam com inaudito cynismo os mais extraordinarios paradoxos.

15—11—87.

Antonio Hermano.

DISCURSO

Pronunciado pela menina Cacilda de Jesus Gomes da Silva perante S. Ex.^a Rv.^{ma} o Snr. Arcebispo Primaz na distribuição dos premios aos alumnos das escolas da Ordem 3.^a de S. Francisco, em Guimarães, no dia 14 de novembro de 1887.

QUANDO a cidade inteira se empaveza; quando um povo se ergue com a imponencia e magestade que impulsiona a dignidade de filhos; quando um brado unisono, frenetico, se levanta por toda a parte para saudar o venerando Primaz das Hespanhas, que muito é, Ex.^{mo} e R.^{mo} Snr., que nós, pequenas creancinhas, afastadas do bolicio da cidade, e entregues tão sómente às nossas

lides escolares, nos levantemos tambem da nossa humildade, para saudar-Vos, Senhor, a Vós que sois o nosso Pae, a Vós que espalhaes a torrentes as consolaciones da Religião por sobre todos os filhos d'esta Archidiocese, a Vós, Senhor, que, honrando sobremodo a Patria dos Damazos e dos Affonsos, Vos dignaes ainda honrar especialmente esta santa casa, e até este pequeno recinto onde os nossos juvenis corações se educam ao sopro benéfico das instituições do christianismo? A este pequeno jardim onde nossas almas vicejam como olorosas florinhas, cuidadas, afagadas, queridas pelas nossas directoras e nossas segundas mães—as Irmãs Hospitaleiras?

Permitti, pois, Senhor, que eu, e em nome de todas as minhas companheiras Vos offereça, na mais entusiastica expansão de nossas almas, na louca alegria de nossos corações, por tão fausto acontecimento, os protestos de nosso affecto, de nosso filial amor, da mais respeitosa e humilissima adhesão a todos os Vossos ensinamentos, que são os ensinamentos de Jesus, Senhor nosso, de que sois Apostolo.

Abençoe, Senhor, esta pequena parte do vosso Rebanho, para que todas nós, fortalecidas com uma tal graça possamos ser dignas filhas de Maria, a cuja Pia União algumas pertencemos já, tornando-nos tambem fervidas devotas do Santissimo e amoravel Coração de Jesus, d'esse divino Coração d'onde dimanam todas as felicidades, d'onde brotam a torrentes todas as graças, d'onde irradiam todas as luzes, unicas que podem guiar a humanidade á celestial morada. Vós, Ex.^{mo} e R.^{mo} Snr., que tanto vos empenhaes em promover, espalhar, afervorar e tornar geral tão sympathica, tão poetica, tão religiosa e tão digna devoção, fazei, Senhor, que com as Vossas Benções desça dos ceus um raio de tão salutar graça, uma scintella de fogo tão abrazador, que, illuminando-nos os caminhos da vida, onde surdem tantos abysmos, abraze, nas chammadas de tanto amor, nossos tenros corações, para que só tenhamos um pensamento para o ceo—o amor de Jesus e de Maria; um só pensamento para a terra—o amor de nossos paes, das nossas sollicitas directoras, e o Vosso, Senhor, aos pés de quem nos curvamos, recebendo humildes a Santa Benção.

SECÇÃO HISTORICA

Galeria de homens notaveis da Companhia de Jesus

(Continuado do n.º 1.º)

IV

P. Roberto Cardinal Bellarmino

DE grande homem não é este cuja vida agora vamos esboçar! Doutissimo em todas as sciencias, eloquentissimo orador, profundo theologo, mestre da vida espirital, piissimo athleta da fé, columna da Egreja, veneravel em santidade: tal foi o jesuita Bellarmino, nascido na Italia, em 1542.

Clemente VIII nomeou-o cardeal da Santa Egreja Romana, dizendo por essa occasião que o mundo catholico não tinha outro igual em doutrina. O humilde religioso rejeitou a dignidade, que só accitou debaixo da pena de excomunição comminada pelo Pontifice, e derramando copiosas lagrimas.

Paulo V teve-o sempre ao seu lado, servindo-se das suas luzes e prudencia no governo da Egreja. Urbano VIII dizia que Bellarmino era um santo, igual na virtude a S. Carlos Borromeu.

O Padre Gaume, nas *Tres Romas*, chama-lhe *immortal Bellarmino, gloria do sacro collegio, honra da Companhia de Jesus, flagello dos herejes, campeão da Egreja no seculo XVI, homem cuja gloriosa e santa memoria regosija o mundo catholico.*

Todos os homens doutos prestam a Bellarmino eguaes encomios, e já no seu tempo era chamado *estrella da piedade christã, honra immortal da purpura romana.*

E' notavel e summamente apreciada a sua obra das *Controversias*, em que elle bate fortemente os herejes e defende com argumentos energicos os dogmas catholicos. Esta obra fez tal sensação em Inglaterra, que era commum perguntar-se a quem viam pensativo: *se tentava alguma cousa contra Bellarmino.*

D'esta obra eruditissima diz o cardeal du Perron, Bispo de Sens: «Dentro do espaço de mil annos não se pôde publicar melhor obra.»

O grande cardeal Cesar Baronio affirma o seguinte: «A obra das *Controversias* de Bellarmino é a Torre de David, de que pendem mil escudos, para defender a terrestre Jerusalem contra os seus inimigos.»

Não deixaremos de apontar, como insuspeitissimo, o testemunho de Theodoro Beza, famoso heresiarcha do seculo XVI. Fallando das *Controversias* diz elle:



«Só este livro nos lança a todos por terra.»

Morreu este doutíssimo jesuita, com opinião de santo, em 1621. D'elle se referem milagres que obrou em vida, e foi dotado do dom da prophécia.

Logo depois da morte d'este grande homem principiou a causa da sua beatificação, cujo processo mandou continuar Clemente X, em 1674. O mesmo se praticou nos pontificados de Innocencio XI, Clemente XI e Bento XIV; porém até hoje ainda não foi concluido este negocio.

Não deve isto admirar, porque muitos outros varões, que piamente cre-

continuação. Mas todos os catholicos eram empenhados n'essa causa.

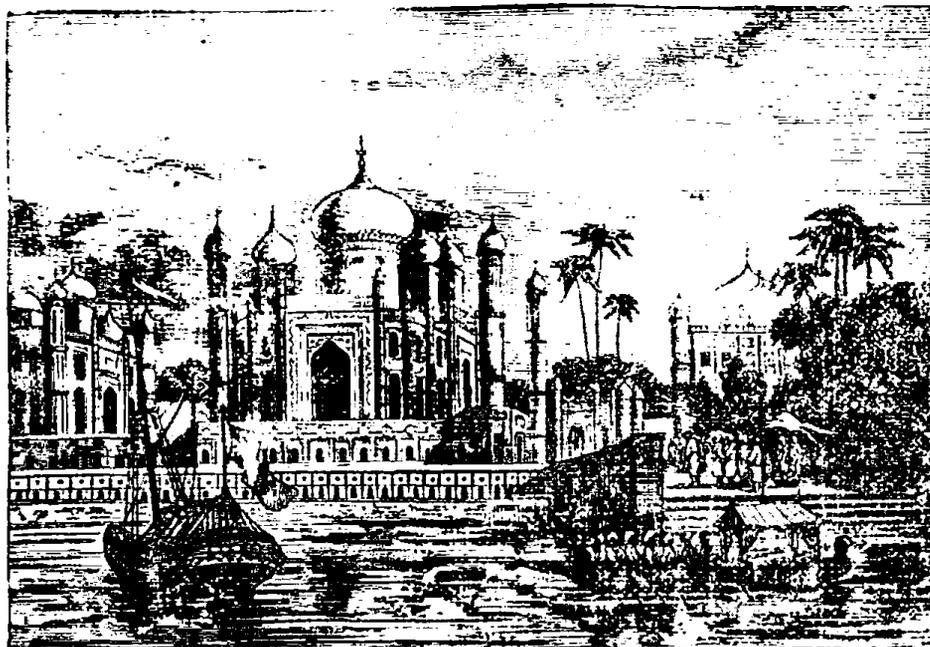
Não foi alcançada, porque o cardeal Bellarmino ainda não está canonisado, nem mesmo beatificado. Mas ninguem duvida que foi um homem de eminente santidade, e todos o denominam por *veneravel*.

Roberto Bellarmino entrou, de idade de 18 annos, na Companhia de Jesus, e ensinou muito tempo theologia em Louvain, onde tambem exerceu com louvor o ministerio do pulpito. Prégava com tal fructo, que da Inglaterra e da Hollanda vinham muitos protestantes ouvill-o.

e, sendo enviado a Roma, alli ensinou philosophia e theologia, e o Papa S. Pio V, reconhecendo o seu grande merito, o nomeou seu prégador. Exerceu este cargo sob os Pontifices que se seguiram.

Gregorio XIII, Innocencio IX e Clemente VIII que o elevou ao cardinalado, lhe incumbiram negocios importantes da Egreja. Francisco Toledo foi o primeiro jesuita que vestiu a purpura romana.

Nos paizes Baixos, na Allemanha e na Polonia terminou com successo varios negocios de que foi encarregado pela Santa Sé.



UMA MOSTRA DE CONSTANTINOPLA

mos bemaventurados, não se veneram sobre os altares; e de mais, como diz Santo Antonino, a canonisação nem acrescenta o merecimento ou o premio essencial de bemaventurado, nem decreta o grau de santidade que lhe compete; mas só propõe o santo à Egreja, para ser venerado publicamente com officio e festa.

E tambem deve notar-se que, com o golpe fatal da Companhia de Jesus, pararam muitas causas de beatificação de grande numero de jesuitas, e nunca mais continuaram pelo transtorno de papeis necessarios.

Falta, pois, á verdade o pedante auctor do *Codigo dos Jesuitas*, publicado em 1846, quando affirma que a *canonisação de Bellarmino foi pedida e alcançada pelos jesuitas!*

Não foi pedida, porque foi o proprio Papa que mandou principiar o seu processo, e os jesuitas só pediram a sua

Foi muito estimado dos Pontifices do seu tempo: Clemente VIII fêl-o Arcebispo de Cápua em 1602, dignidade que elle deixou quando Paulo V o chamou a Roma para lhe assistir no governo da Egreja.

Alem da obra que citamos, Bellarmino escreveu outras muitas de grande merito. Temos tambem d'elle uma *Grammatica hebraica*, e é auctor d'alguns hymnos ecclesiasticos.

V

P. Francisco Cardeal Toledo

Nasceu em Cordova (Hespanha), em 1532, sendo varão doutíssimo e de grande virtude. Na Universidade de Salamanca teve por professor o dominicano Domingos Soto, que o chamava *prodigio de espirito*.

Professando na Companhia de Jesus,

Sixto V e Gregorio XIII louvaram a sua doutrina e eloquencia.

Martinho Navarro, celebre canonista, lhe chama *excellente doutor e singular ornamento da Companhia de Jesus*.

Foi distincto orador sagrado do seu tempo, colhendo com seus sermões grande fructo, com applauso da Côte romana que o escutava.

Toledo trabalhou calorosamente na reconciliação de Henrique IV, rei de França, com a Santa Sé; e é por isso que este principe sempre em todas as occasiões lhe testemunhou seu reconhecimento.

Este jesuita, alem de varios commentarios, a alguns livros santos, compoz um livro precioso, muito apreciado por todos os moralistas. Intitula-se *Summa de casos de consciencia*, ou *Instrução dos Sacerdotes*.

O partido jansenista não deixou de fulminar o jesuita Toledo, cujo nome

entrou nos seus libellos diffamatorios contra a Companhia de Jesus.

Contudo, em defeza d'este sabio religioso e do seu livro, basta dizermos que S. Francisco de Sales o recommendava muito aos theologos.

Não é menos notavel o testemunho que d'este livro dá João Cabassut, canonista francez, da congregação do Oratorio. Diz elle: «Será preciso esperar muitos seculos antes que appareça um homem do merito do cardeal Toledo, superior a todos os elogios que se lhe teem dado, e um livro equal ao que escreveu sobre a moral.»

Falleceu em 1596, com fama de santidade.

VI

P. João Cardinal de Lugo

Nasceu d'uma nobre familia em Madrid, em 1583. Tendo por confessor o veneravel Luiz da Ponte, jesuita, saiu como elle um varão perfeitissimo em todo o genero de virtudes. Era considerado o pae dos pobres.

D'uma indole pacifica, cortez e affavel, era um anjo de bondade e mansidão e nunca ninguem o viu irado. Recusou a purpura romana que em 1643 lhe conferiu Urbano VIII, seu intimo amigo, e que só acceitou, obrigado da pena de obediencia; mas com a purpura não deixou a humildade religiosa.

João de Lugo é um dos sapientissimos theologos moralistas da Companhia de Jesus, frequentemente citado por todos os que se occupam de theologia moral.

Para se conhecer o seu merito basta referirmos o que d'elle afirma Santo Affonso de Liguori, auctoridade irrecusavel n'esta materia.

«Lugo, diz elle, póde chamar-se o principe dos theologos depois de Santo Thomaz, pela solidez das rasões que apresenta, pondo o machado á raiz, de maneira que as suas rasões são insoluveis.»

Foi o jesuita Lugo que inventou ou pelo menos divulgou o famoso especifico medicinal, a quina, que os inglezes chamam o *pó dos jesuitas*: elle o dava gratuitamente aos pobres.

Temos d'elle grande numero de obras em latim sobre theologia escholastica e moral. Morreu em 1660.

Não se deve confundir com o jesuita Francisco de Lugo, seu irmão, não menos erudito, e de quem em outra occasião fallaremos.

(Continua)

P.º João Vieira Neves Castro da Cruz.

SECÇÃO CRITICA

As Irmãs da Caridade

INGRATIDÃO E RECONHECIMENTO DA FRANÇA

extraordinariamente pasmoso o que se está passando actualmente em França, com respeito ás Irmãs da Caridade. Sob as mesmas leis e debaixo da mesma bandeira, nós vemos repellir, insultar, expulsar, desterrar, e acollher, respeitar, abraçar e cumular de honrarias essas mulheres heroicas, essas martyres do dever, esses anjos bem-fazejos que, em nome de Christo, cobrem a França de obras de caridade, e abysmam, nos mares immensos de heroicidades, essa nação heroica, que nem sabe o que quer, nem o que tem de agradecer aos seus mais dedicados filhos.

A França, ou está no seu ocaso, ou pede a altos brados um hospital de doídos que receba todos os seus filhos; não se póde explicar de outra forma o proceder dos governos, que dirigem essa nação christianissima.

Mas, podem dizer-me, como é que a França é ingrata, e ao mesmo tempo reconhecida para com as Irmãs da Caridade?

Vamos provar-lh'o; e note-se, fallamos da França official, o que é ainda mais para merecer as nossas admirações. Sabendo-se o que são as Irmãs da Caridade forçosamente se hão de ter como ingratos os seus inimigos, os que as expulsam, os que as doestam, os que as desrespeitam. Pois bem, a noticia que vae ler-se, e que varios jornaes estrangeiros deram, prova que a França official é ingrata para com as grandes heroínas do seculo XIX; se não vejamos o que diz *A Semana Religiosa*:

«Teve logar, como já annunciámos, a *secularisação* do hospital Lariboisière no dia 15 de Setembro ultimo. As Religiosas Agostinhas deixaram este hospicio, ás 5 horas da manhã, e foram conduzidas á casa mãe da Communidade, em carruagens postas á sua disposição pela Companhia do caminho de ferro do Norte.

Estas Sanctas e dedicadas Hospitaleiras consagravam, desde 1854, os seus cuidados e experiencia aos doentes que este estabelecimento recebe.

Já tivemos occasião de mostrar os merecimentos d'estas heroínas, os seus sacrificios, e a sua abnegação heroica no genero de vida que escolhem pelo amor de Deus e allivio dos pobres. Tão modestas na sua dedicação, como incançaveis na sua obra, no momento em que são feridas pela sentença do Conselho Municipal, nem uma queixa se-

quer, nem uma reclamação fazem. A Superiora apenas pergunta:

—Tendes algum motivo de queixa contra nós?

—Nenhum, respondeu o Director da Assistencia publica.

—Então porque nos expulsais?

—Porque não sois do nosso tempo.

Para se evitar todo o escandalo, e qualquer manifestação, as Hospitaleiras linham entregado, desde a vespera, o seu inventario, chaves, etc.

Levantaram-se ás 4 horas, como de costume, e pela ultima vez se reuniram para a oração da manhã na capella, já despida de todos os seus ornatos. Uma hora depois as portas se abriram, e as exiladas com os seus veus caídos choravam. Por detraz das janellas das salas estavam os doentes de pé: tinham deixado o seu leito para dizerem o ultimo adeus áquellas a quem tanto amavam, e que com tanta violencia lhes arrancavam. Em uma sala entre outras, occupada por creanças atacadas de febre typhoide, ouviam gritos e protestos repetidos no meio de lagrimas.

—Mãe! Mãe! Não te vás embora!... fica connosco!...

Quantas recordações, quantos merecimentos levam consigo estas Religiosas, despedidas sem motivo, sem respeito dos seus direitos adquiridos, e sem a menor contemplação pela sua dignidade e virtude!

A Communa foi mais honesta, ou menos cynica.

Eis um protesto eloquente na sua simplicidade, e que não póde ser lido sem grande commoção: é a carta de despedida escripta pelos doentes de uma sala; todos sem excepção a firmaram, e por um sentimento que facilmente se comprehenderá, ao lado dos seus nomes ajunctavam o numero do leito que occupavam. Eil-a:

«Minha Irmã,

«Vós que tendes sido uma mãe pela ternura e sollicitude toda maternal com que sempre tendes cercado os vossos queridos doentes, permitti que no momento da vossa partida, aquelles a quem deixais, se unam para vos dizerem o seu ultimo adeus.

«Sentiremos vivamente, como já o provámos, a vossa ausencia, pois nada poderá substituir a vossa dedicação, e principalmente a benevola abnegação que vos inspira no exercicio da vossa caridosa missão.

«E' o que temos a dizer-vos como um agradecimento, e como uma lembrança da vossa estada n'esta casa. Vós e as vossas Irmãs deixais aqui um nome abençoado, e os nossos desgostos vos acompanham.»

(Sequem-se as assignaturas).

Eis a ingratidão da França official, da França que obedece à maçonaria, da França que despreza os beneficios que reconhece, para praticar uma infamia— a ingratidão para com as heroínas da abnegação e do sacrificio.

Mas louvemos a Deus, que tambem nos dá consolações! A mesma França, que expulsou dos hospitaes as Irmãs da Caridade, é a mesma que lhes presta honroso preito, e que as colloca no pedestal dos primeiros heroes.

E' pasmoso o facto, mas é verdadeiro e por isso mesmo os nossos louvores e os parabens que enviamos a todas as Irmãs da Caridade, que enchem o mundo com suas virtudes.

Vimos a ingratidão da França athea, da França sem crenças, da França sem pundonor; vejamos agora o reconhecimento da França christã, da França que pensa, da França que conhece as Irmãs da Caridade:

«Foi imponente a cerimonia da entrega das insignias da Legião de Honra, com que ha dias, como noticiamos, foi agraciada pelo presidente da republica franceza a irmã de caridade Julia Wignal, em serviço no hospital militar de Chateaudun. Foi ali expressamente de Paris com as insignias, em nome do ministro da guerra, o tenente coronel Villebois. O commandante da praça, assim que lhe constou a chegada d'esse official, mandou formar a guarnição e convidou a irmã de caridade a receber em frente das tropas o premio dos seus serviços. O commandante, general de Verdière, em discurso eloquente, poz em evidencia as grandes virtudes d'aquella santa mulher; os seus serviços à humanidade durante trinta annos, os seus actos de valor por occasião da guerra franco-prussiana, a sua abnegação em todas as epidemias e apresentou-a aos soldados como modelo de caridade e de patriotismo. O acto foi grandioso quanto commovente. Terminado o discurso, que foi ouvido pela irmã Julia com os olhos baixos, as mãos cruzadas sobre o peito e no meio do silencio da tropa, interrompido apenas pelos soluços da multidão entre a qual predominava o sexo fraco, o general collocou a cruz da Legião de Honra sobre o peito da virtuosa mulher. As tropas apresentaram armas e a musica tocou o hymno nacional. O coronel La Grennerie, commandante do regimento da guarnição, deu a voz de desfilar, indo as tropas passar em frente da irmã Julia, que se inclinou humildemente ao ver passar ante seus olhos a bandeira tricolor. Depois, a filha do coronel, beijando a sympathica mulher em nome do regimento, entregou-lhe um formoso ramo de flores. A irmã Julia, extremamente commovida, retirou-se no meio das entusiasticas aclamações

do povo e entrando no hospital pediu perdão aos enfermos por os ter abandonado duas horas e recomeçou a sua faina benemerita e caridosa.»

Como seria bello, formoso, esplendido esse quadro, no centro do qual brilhava, ao sol da gratidão e do reconhecimento, o habito da Irmã da Caridade! Como seria grandioso o vulto da filha predilecta de Jesus Christo em frente dos soldados da França, recebendo as homenagens do exercito d'essa nação christianissima, que levou os lizes da sua bandeira aos muros de Jerusalem! E como pulsaria de alegria, de santa alegria aquelle peito, o peito da mulher sublime, costumado a ser amparo dos moribundos, a ser escudo dos desvalidos, a ser abraçado pela filha do commandante das tropas que abateram as armas diante d'elle! E dizemos de santa alegria, porque todas aquellas honras, ella, a martyr do Evangelho, as não julgara a si prestadas, mas à Cruz, à Cruz do seu Deus que lhe pendia do peito, e em nome da qual ella havia affrontado todos os perigos, todos os vai-vens da sorte, todas as injurias d'um seculo infamado pela descrença.

Quem ousa agora insultar uma Irmã da Caridade, depois que ao peito de uma d'essas mulheres sublimes pendem as insignias da Legião de Honra? Quem não se descobre diante da Irmã da Caridade, quando o exercito da França apresenta armas, e abate as suas bandeiras, ao passar diante da Irmã Julia?

Tem sido ingrata a França; mas esta recompensa, este acto tão solemne em honra d'uma filha da caridade, quasi que lava, do brazão da patria de S. Luiz, a grande nodoa com que tem querido sujar-a uma nação estupidialisada por doutrinas bordalengas, e por discursos de cafés.

Saudemos, pois, as Irmãs da Caridade e mandemos o nosso cartão de pesames aos infamissimos personagens que tem ousado contra a virtude, contra o heroismo, contra a santidade d'essas mulheres, que se envolvem no habito da penitencia, cuja fimbria nos honrariamos de beijar ajoelhados, se tal honra nos fosse dada.

Elias de Sampaio.

Coisitas

(AO CORRER DA PENNA)

(Continuado do n.º anterior)



o que fica exposto e do mais, que será escuzado expor, mas que o Snr. Bernardes Branco pode facilmente indagar, ficam-se sabendo as seguintes coisitas:

1.º— Que não foram duas, mas

sim foi uma unica parenta do *celebre* José Estevam a que figura no facto, a que se refere o auctor da obra, já citada.

2.º— Que a mesma sobrinha do *celebre* José Estevam não abandonou os pais, mas saiu de um convento para entrar n'outro.

3.º— Que se transferiu do convento de Sá para o de Calet com auctorisação da prelada d'aquelle convento.

4.º— Que já era de maior idade, quando poz em execução essa transferencia, por isso estava no direito de ir, para onde lhe approuvesse.

5.º— Que o pai nunca a reconheceu judicialmente e que só desde certa epocha a teve em sua companhia.

6.º— Que a Snr.ª D. Maria Augusta Coelho de Magalhães não desamparou o pai, visto que elle a tinha mandado para o convento de Sá em 1862, aonde entrou voluntaria ou violentadamente, e aonde foi acompanhada por a madrastra.

7.º— Que Antonio Augusto Coelho de Magalhães não ficou desamparado, pois tinha sua estimavel esposa, que muito bem o tratava nas suas enfermidades e que ainda hoje vive e é digna da geral estima de quantos a conhecem.

8.º— Que o mesmo individuo ainda tinha na sua companhia uma filha legitima—D. Maria Dorotheia—que era dotada de tão excellentes qualidades como sua mãe e que, ainda muito nova, falleceu em Aveiro ha annos e muito depois da morte do pai.

9.º— Finalmente, que este tinha uma irmã, que ainda vive em Aveiro, a qual, se tal fosse mister, trataria de seu irmão e d'isso seria muito capaz, pois é muito virtuosa e com muito carinho tratara seu pai, o medico Luiz Cypriano Coelho de Magalhães, fallecido n'aquella cidade em 1857.

* * *

Agora accrescentaremos áquellas deducções o seguinte:

Parece-nos, que seria mais digno de reparo o facto de terem o pai e a madrastra d'aquella senhora evitado qualquer dos casamentos, que ella pretendia fazer, do que o facto de ella sair de um convento para entrar n'outro.

Tambem nos parece, que, se elle se dêsse, como se deu, com outras pessoas, que não fosse com uma sobrinha do *celebre* José Estevam, e fosse n'outros tempos, não se tornaria isso tão digno de espanto.

Alem d'isso, as circumstancias de Antonio Augusto Coelho de Magalhães eram pouco boas.

Por sua morte, nada poderia deixar, como não deixou, que pudesse assegurar o futuro da familia. E a filha, logo

que lhe pareceu propria a occasião, tratou de arranjar, onde pudesse ter meios seguros para poder viver, ainda que parcamente e sujeita à obediencia, que impoem as regras dos institutos religiosos.

* * *

A imprensa impia e a dos que só querem a liberdade para si e para o mal gritou e barafustou muito com isso e por essa occasião.

O mesmo se deu em 1875, quando a filha de Antonio Augusto Coelho de Magalhães e outras foram a Aveiro.

Não faltaram os costumados estribalhos de *lasarismo, jesuitismo, fanatismo, beaterio, malandragem, hypocritas, impostores, et reliqua.*

E no *Districto de Aveiro* appareceu um artigo furibundo contra o Padre Raymond dos Anjos Beirão, e contra todos os *jesuitas*, que tenham ou possam ter existido.

E quem escreveu essas diatribes?

Quem, fallecendo poucos annos depois, se descobriu, que havia feito uma escamoteação bem profunda na Caixa economica d'aquella cidade, alem de ter *enruidilhado* os negocios pecuniarios de alguns parentes, de não poucas familias e de todas ou de quasi todas as corporações, de que fez parte!!

* * *

E como este, são outros muitos, que dizem mal dos *jesuitas*; que em toda a parte veem *jesuitas*; e para quem todos os catholicos são *jesuitas*.

Note-se, ainda, que as nossas palavras não tem por fim offender o Snr. Manuel Bernardes Branco, escriptor muito erudito e cujo talento muito respeitamos.

Tem unicamente em vista restabelecer a verdade do facto; mostrar que, assim como n'este houve erro e exageração é de crer, que os haja em factos identicos; e, finalmente, fazer saber, que este caso não é tão digno de espanto e de tão asperas censuras, como se lhe fizeram e continuam a fazer.

E por emquanto só temos a pedir aos nossos leitores algumas orações pela alma da Snr.^a D. Augusta Coelho de Magalhães, e de todas as pessoas, que figuraram n'esta historia, d'ella fallaram ou escreveram, e que já estão na eternidade.

Continuaremos com estas *coisitas* n'um dos proximos numeros d'esta revista.

Um catholico.

Missionarios em Coimbra

Com este titulo publicou o *Jornal da Manhã*, de quarta-feira, 5 do corrente, uma pequena local dizendo que estavam ha dias de passagem em Coimbra dois padres missionarios das nossas possessões ultramarinas, que depois de longos annos de serviço vieram temporariamente a Portugal visitar suas familias; que por toda a parte haviam sido bem recebidos pelos Prelados do continente; succedia porem que...

A novidade do caso levou-me a indagar a verdade, por me interessar tudo o que diz respeito às nossas colonias. Tratei pois de saber o que havia, e por pessoas que fallaram com os proprios Padres e por outros individuos da naturalidade d'um d'elles, cheguei a apurar o seguinte:

Um d'elles, o Padre Manuel Maria Alves da Silva é natural de Bruscos, freguezia de Villa Secca, a uns 10 kilometros de Coimbra, tem missionado em Timor, falla umas 4 linguas dos selvagens d'aquellas paragens e publicou ha pouco tempo na *Voz do Crente* de Macau um relatorio bastante extenso sobre os seus trabalhos apostolicos.

O outro, o Padre Sebastião Maria Aparicio da Silva, natural do Abrunheiro Grande, freguezia da Fundada, Diocese de Portalegre, missionou em Timor, estudou a fundo a principal lingua do paiz, sujeitando-a a regras grammaticas, escreveu n'ella já alguma cousa e prepara novos trabalhos, em que avulta um dictionario e grammatica, aplainando assim o caminho aos novos missionarios.

Ultimamente o Bispo de Macau escolhera-o para seu secretario e para fazer outros servicos em Macau.

Foram educados no Seminario de Sernache do Bom Jardim, e ha doze annos que missionam nas nossas colonias de Macau e Timor. Aproveitando-se das garantias que a lei lhes concede, vieram a Portugal subsidiados pelo governo e, na qualidade de funcionarios do Estado, a gosar algum tempo de licença.

Chegaram ao reino nos principios de junho, indo logo apresentar-se no Ministerio da Marinha, onde foram cordalmente recebidos pelo respectivo ministro, o Snr. Barros Gomes, que os tratou com toda a distincção que merecem. Em seguida dirigiram-se ao Nuncio que lhes confirmou todos os privilegios que a Curia concede aos Padres do Oriente. Esquecia-me de dizer que usam barba toda, crescida ha perto de 12 annos, segundo é costume e necessario no extremo Oriente.

Visitaram os Prelados de Lisboa e Portalegre, que os receberam magnifi-

camente e lhes concederam todas as jurisdicções de que careciam.

Por intermedio do Superior do Collegio das Missões Ultramarinas, Dr. Antonio José Boavida conseguiram tambem do Bispo de Coimbra jurisdicção para exercerem o seu ministerio. (Naturalmente Sua Ex.^a R.^{ma} ignorava a este tempo que os Padres usavam barba).

Percorreram o norte do Reino, visitaram os Prelados do Porto e Braga, que generosamente, sem que elles as pedissem, lhes concederam amplas faculdades.

Por toda a parte foram distinctamente recebidos, tendo tido a honra de fallar com pessoas dignas de todo o louvor pelos sentimentos religiosos e patrioticos que manifestavam quando os Padres lhes contavam as peripecias do seu apostolado de 12 annos.

Estava-lhes porem reservada uma decepção na Diocese de Coimbra na terra natal do Padre Alves.

Um parcho qualquer encomendado d'aquelles sitios começou logo a embicar com os dois missionarios.

Surdo tapado, no sentido mais rigoroso do termo (e encarregado de duas freguezias!), tendo talvez por isso mais apurado o sentido da vista, viu nas barbas dos missionarios um pretendido *escandalo*.

Falla com o seu *intimo* Arcipreste de Penella e começa a intriga.

Primeiro pretendeu que os Padres não podiam confessar mulheres, por não terem quarenta annos!!! Não pegando a cousa, porque o Governador do Bispado (o Prelado estava ausente) interpretou favoravelmente para os missionarios a jurisdicção que tinham, correu-se a outro expediente.

As barbas, eureka! as barbas, disseram.

E sem mais cerimonia o Arcipreste faz uma denuncia em forma ao Bispo, apontando para as barbas dos pobres homens como para um *escandalo aos povos*.

E o Bispo, sem mais averiguações, auctorisa o arcipreste a prohibir no seu arciprestado o exercicio das ordens aos padres barbados, como contrario às constituições diocesanas. Tudo isto foi urdido durante a ausencia que os Padres fizeram n'uma segunda digressão ao norte.

Regressaram no sabbado, 1.º do corrente, e o tal encomendado já tinha em casa a ordem, e poderia tel-os avisado. Mas não; diz missa no dia seguinte às 7 horas, sabe que a grande maioria do povo esperando pela missa dos missionarios, não assistia á conventual, e só depois os avisa, quando um d'elles, na melhor boa fé se dirige a sua casa a perguntar-lhe porque é que não lhe mandara hostias para ir dizer mis-



sa a uma capella, onde o esperava muito povo.

Deu em resultado ficarem os parochianos uns sem missa e tendo outros de ir a Condeixa, como tambem fizeram os missionarios, para cumprirem a obrigação de ouvir missa ao Domingo.

Passando por Coimbra dirigiram-se ainda ao Prelado, que confirma a ordem dada ao Arcipreste de Penella, permitindo-lhes apenas o exercicio das ordens n'uma extremidade da Diocese, proximo da terra natal do outro missionario, para onde ambos vão viver.

Em vista d'isto os Padres ausentaram-se da freguezia, do Arciprestado e da Diocese, para onde lhes seja dada mais liberdade e para onde ninguem os possa incommodar por causa das barbas, que teem de deixar para continuarem a usal-as nas missões para onde breve teem de voltar.

E' triste! Passa um desgraçado os melhores annos da sua vida a umas 4:000 leguas longe do torrão natal, curtindo as amargas saudades dos expatriados; e quando depois de longa ausencia volta a abraçar os seus tem a recepção que Christo recebera um dia ao voltar a Nazareth!!! E' triste!

Tem d'isto isso que se chama a *patria*.

De Castro, de Pacheco, de Albuquerque e d'outros heroes das nossas conquistas d'alem-mar descrevera Castilho as recompensas que ella lhes dera:

... E a patria, por quem tanto hão feito,
Que digno premio lhes ha dado? A fome
N'um hospital galardoou Pacheco;
Albuquerque a deshonra ao pé da campã;
Castro a pobreza, que os soccorros ultimos
Sobre o leito da morte mendigava!

Mas realmente as barbas dos Padres escandalisavam os povos? De Villa Seca, com certeza, não! E tanto que a casa do Padre Alves era realmente invadida pelos seus amigos d'infancia e outros muitos que queriam saber dos missionarios o que se passava lá pelas terras d'onde vinham; e tanto que muitos os procuravam para serem ouvidos de confissão; e tanto que no dia em que estes sahiram o alarido e choro da gente de Bruscos eram taes que se ouviam fora da povoação.

A verdade é esta.

Mas porque é que o tal encomendado, de parceria com o seu arcipreste, urdiram tal perseguição?

Não sabemos, nem os missionarios o sabem.

Naturalmente o porte digno d'estes padres illustrados affrontava-os.

Os missionarios trajam habito de padre, isto é, batina e cabeção, e não dizem missa de fraque ou de casaco, como faz o tal encomendado surdo-tapado, nem vestem *jaleca curta*, como

qualquer labrego, nas doçuras da caça, como faz o Arcipreste de Penella, nem teem horror ao cabeção, etc. etc.

Mas o que tem pilhas de graça é o argumento das barbas, prohibidas pelas Constituições diocesanas! Por ventura desconhecem as Constituições o Nuncio, o Patriarcha de Lisboa, o Bispo de Portalegre, o Cardeal Bispo do Porto e o Arcebispo de Braga?

Que grandes ignorantes!!!

Um amigo do «Progresso Catholico».

SECÇÃO ILLUSTRADA

V

Convento de Santa Clara em Villa do Conde

UNHENTOS e setenta annos respeitaram essa casa vetusta, esse monumento, que attesta a fé e a piedade dos principes portuguezes, para que o seculo XIX, o seculo que se chama o seculo das artes e dos monumentos, visse cair, envolto em ruínas, o que elle, o seculo das luzes não é capaz, ainda que queira, de edificar!

Perto de seis seculos curvam a cerviz diante do convento de Santa Clara em Villa do Conde, e nem esse titulo basta para sustar a mão vandalica dos nossos governantes, e fazer que deixem em pé esse grandioso monumento do passado!

Triste verdade, mas uma verdade!

Narremos a traços rapidos a historia d'este convento.

Cumulado de bens e honrarias, vivia D. Affonso Sanches, filho bastardo de El-Rei D. Diniz, quando a inveja arrasou seu irmão, D. Affonso, herdeiro do throno, ás maiores baixezas e indignidades, taes como o ter aversão a seu irmão pelo facto de merecer, como elle, o amor do rei, seu pae. Este facto moveu o animo de D. Affonso Sanches a procurar todos os meios de defeza contra o irmão, e projectou edificar uma fortaleza, onde, com sua familia, se abrigasse de qualquer tentativa do principe herdeiro. Posto em pratica o projecto, progrediram rapidamente as obras, porque as impulsionava a boa vontade do principe, e os muitos recursos de que dispunha. Mas, um dia, viu-se que D. Affonso mudara de plano, e que o edificio acastellado que planeava, ia ser transformado n'uma casa religiosa.

Como se operára uma tal mudança no animo do filho de D. Diniz? Mudariam as idéas de seu irmão, e não careceria já de largos fossos, de fortes barbacãs, de ameados torreões?

Não, nada d'isso influiu no animo do

religioso principe. Villa do Conde, que elle escolhera para sua residencia, porque d'essa villa era senhor, por doação de seu pae D. Diniz, em logar de ser dotada com uma residencia senhoril e acastellada, ia possuir uma casa consagrada a Deus. Mas como se operára uma tal mudança, repetirão os leitores? Facilmente; vamos explicar-nos:

Tempos de fé e puras crenças, como eram essas em que D. Diniz reinava em Portugal, um sonho bastava para infiltrar no animo de alguém uma idéa, quando ella se harmonisasse com os piedosos sentimentos do que sonhara. Assim aconteceu a Affonso Sanches. Viu em sonhos que a obra do castello progredia, mas que seus muros, seus escadarios se elevavam ao ceo. Foi isto o bastante para que elle visse que Deus queria alli, antes que um forte e bem defendido castello, uma casa onde se rendesse culto diariamente ao Rei dos reis; e d'aqui o fazer, em logar d'um castello uma casa de oração, que entregou ás religiosas franciscanas, chamadas classicas, no anno de 1318, dando ás mesmas religiosas avultados rendimentos, que bastavam para o esplendor do culto e sustentação das freiras.

Vê-se pelo que deixamos dito o direito que teem á propriedade do convento de Santa Clara de Villa do Conde (como o tinham as religiosas dos outros conventos) as actuaes freiras professoras do mesmo mosteiro, e a illegalidade com que os governos d'estes reinos se apoderam dos bens que lhes pertencem por direito de doação, direito que é tanto mais valioso, quanto o é o de qualquer proprietario secular, porque o habito monastico não tira o direito, nem pôde tirar, de possuir aquillo que nossos maiores legaram a quem o veste.

Não daremos a classificação que tem o proceder dos nossos governantes, embora seja bem claro o termo nos dicionarios da lingua patria; mas, ao menos, faremos luz sobre uma questão que, para alguns é ainda escura.

(*Continua*)

VI

Uma belleza de Mecca

Mecca é uma cidade da Arabia a 85 kilometros de Djeddah, que lhe serve de porto no Mar Vermelho. Antigamente tinha uma população de 100:000 habitantes, mas está reduzida a 60:000. N'uma certa época do anno fazem alli grandes peregrinações os sectarios de Mahomet, que tem por patria esta cidade, e d'onde é natural a *formosura* que a nossa 3.ª gravura do passado numero representa.



OS GOSOS INNOCENTES DE UMA MÃE

Não temos a honra de conhecer a nossa heroína, porque, sejamos franco, não foi ella que nos offereceu o retrato; veio-nos á mão, não sabemos como, e, dando-o aos nossos leitores, offerecemos-o especialmente ás leitoras, para verem como as mulheres de Mecca se resguardam, tapando até a bocca para não serem tentadas a cuspir e sujarem os custosos tapetes, em que abunda o Oriente.

A descripção das gravuras d'este n.º, no proximo.



SECÇÃO NECROLOGICA



Está de luto o Ex.^{mo} e R.^{mo} Snr. Arcebispo de Goa, Patriarcha das Indias, pelo fallecimento de seu pae o Ex.^{mo} Snr. Dr. João Maria Valente, occorrido na Mina de S. Domingos, perto de Mertola. Era o finado, como diz um nosso collega, um homem de bem, um bom christão, e excellente medico, o que se avalia facilmente conhecendo-se as virtudes dos filhos.

Dando sentidos pesames ao virtuoso

e venerando Primaz do Oriente, enviamol-os tambem á Ex.^{ma} Snr.^a D. Maria do Rozario Valente, ao Ex.^{mo} Snr. Julio Mascarenhas, irmã e cunhado de S. Ex.^a R.^{ma} e denodados protectores da nossa Revista, affirmando a S. Ex.^a que os acompanhamos em tamanha dor.

A nossos leitores, e como sufragio por alma de quem tão bem soube educar os filhos, pedimos uma prece fervorosa.

Estão tambem enlutados, pelo fallecimento de um irmão, tres leitores do *Progresso Catholico* e amigos nossos: O R.^{mo} Dr. Jeronimo Manuel d'Almeida, e os Ex.^{mos} Snrs. João Antonio d'Almeida, digno ministro da Ordem 3.^a de S. Francisco e Eduardo Almeida, a quem enviamos sentidos pesames, pedindo aos leitores uma prece por alma do finado.

RETROSPECTO DA QUINZENA

oi sobremodo imponente a entrada de S. Ex.^a R.^{ma} o Snr. D. Antonio José de Freitas Honorato, Arcebispo de Braga e Primaz das Hespanhas, n'esta cidade, no dia 12 do corrente. Acompanhado das Taipas, uma legua distante da cidade, pela camara, auctoridades civis, ecclesiasticas e mais pessoas da alta nobreza vimaranense, mezas das Ordens Franciscana e Dominica, entrou no berço da monarchia, por entre uma multidão compacta, ao som das bandas marciaes, do estampido dos foguetes, e do repicar dos sinos, perto das 3 horas da tarde, entrando na igreja da Misericordia, d'onde sahiu paramentado, seguindo sob o palio, acompanhado pelo clero, auctoridades, Ordem Terceira, irmandades e confrarias, fechando o prestito o regimento de infantaria 20, que estacionava no largo em frente do templo, até á Real Collegiada, onde fôz entoado o *Te-Deum*, seguindo depois para o palacete do ex.^{mo} conde de Margaride, onde se hospedou.

As pessoas que formavam a comitiva de S. Ex.^a R.^{ma}, ao entrar na cidade, occupava mais de cincoenta carruagens, e o povo que pejava as praças e ruas do transitio era numerosissimo. Da Misericordia até á Collegiada todas as janellas estavam adamascadas, embandeiradas e ornadas com milhares de senhoras, entre as quaes se notavam as da mais distincta fidalguia. N'outros pontos da cidade havia embandeiramentos, e á noite illuminou-se quasi toda a cidade.

No dia 13, ao romper do dia, já o largo das Carvalhas de S. Francisco estava coberto de povo, esperando a chegada de S. Ex.^a R.^{ma}. Pelas oito horas celebrou missa na capella dos terceiros o R.^{mo} Snr. Padre Carlos Gouvea, ministrando n'essa occasião a sagrada Eucharistia a milhares de pessoas. Foi uma das mais numerosas communhões geraes que aqui se tem feito. Perto das dez chegava o venerando Primaz para benzer a igreja de S. Francisco, celebrando em seguida de Pontifical, a que assistiu uma multidão de povo de tal ordem, como nunca se viu no grandioso templo. Tudo estava em pé, e, quem olhasse das galerias para aquelle mar de cabeças, que se agitava, que oscilava, gozava um dos mais bellos quadros. O templo estava elegantemente decorado, a figura magestosa e veneranda do bondoso Prelado, a assistencia das Ordens franciscana e dominica, e de muito clero davam um aspecto imponente á capella-mór, onde se perdiam as vistas de tantos filhos, gostosos de assistirem a uma festa presidi-

da pelo seu pae espiritual. A orchestra magnifica, da capella do snr. Lucinio, e por elle regida, e não pelo R.^{mo} padre Eugenio, como erradamente disse para o *Primeiro de Janeiro* um correspondente d'aqui.

Perto das tres horas da tarde era findo o imponente pontifical, e ás cinco atulhava-se de novo o templo para assistir ás vesperas, sermão e *Te-Deum*. O sermão fôra confiado ao R.^{mo} Padre Manuel Bacellar, de Cervães, e actual mente professor no collegio da Formiga. S. R.^{ma} occupou a tribuna sagrada com a dignidade que os catholicos devem occupar todas as tribunas. Alli, no templo que fôra dos frades franciscanos, não podia o illustrado orador esquecer-se dos serviços que á sociedade prestaram esses valentes obreiros da civilização, e, exalçando seus serviços, chicoteou sem piedade os homens d'este seculo, que, em nome do progresso e da liberdade, sepultaram em ruinas esses focos de piedade e sciencia, esses abrigos da virtude, esses refugios dos naufragos do mundo.

E' assim que se falla, é assim que deve ser a linguagem do padre e de todos os catholicos, quer fallando, quer escrevendo, porque os respeitos humanos são um perigo, e é um crime isto de não collocar a véla de modo que se saiba bem, declaradamente, que está a alumiar ao anjo e não á pianha. Os nossos parabens mais uma vez ao notavel orador.

O dia 14 apresentou-se esplendido, comparado com a terrivel invernia do anterior, e por isso Guimarães vestiu-se de galas e o povo da cidade e de muitas leguas em redor estacionava á porta da igreja desde as primeiras horas do dia; esperava o momento em que S. Ex.^a R.^{ma} havia ministrar o Santissimo Sacramento da Confirmação. E' indiscriptivel a enorme concorrencia de fideis, que procurava tal graça! Prova de que a fé, esse facho luminosissimo arde no coração de todos, a despeito da descrença de alguns infelizes, que julgam morto o catholicismo.

O virtuoso Primaz visitou antes do Chrisma o hospital da Ordem, e fez depois a distribuição dos premios aos alumnos das escolas franciscanas, e inaugurou as officinas que a meza estabelecceu para os alumnos da sua escola.

Tocante, poetico, formosissimo fôra este acto. Quando S. Ex.^a R.^{ma} entrou na sala, onde estavam as auctoridades, varias orações e outros convidandos, o coro das pequenas escolares rompeu com o hymno das Filhas de Maria, que ellas cantam ha muito nas suas festividades, formosissima composição de dois distinctos collaboradores do *Progresso Catholico*. Foi, pois, o hymno

das *Filhas de Maria*, que as pequenas cantaram, acompanhadas a harmonium, e não uma saudação em verso dirigida a S. Ex.^a R.^{ma} como o já citado correspondente dissera, mostrando que anda afastado das cousas da igreja, porque se não andasse teria ouvido muita vez o hymno.

Fallou o digno ministro da Ordem, a cuja allocução respondeu o virtuoso Prelado, mostrando o quanto se congratulava em se achar alli, por tantos motivos, sendo um d'elles o distribuir os premios ás creanças e inaugurar escolas profissionaes, continuando assim a protecção que a Igreja e os Prelados dispensaram sempre ás artes. Stigmatizou os que dizem que a Igreja é incompativel com os progressos da humanidade e com as sciencias, e louvou a criação de escolas, mas de escolas ao sopro da fé e sob o temor de Deus.

Consolava vêr o representante dos Apostolos, em meio de tão numerosa assemblea, proclamar os principios catholicos, animando assim todos os seus bons filhos a fazer o mesmo. O discurso de S. Ex.^a R.^{ma}, escutado com religiosa attenção, foi saudado com uma salva de palmas.

Os premios foram distribuidos pela mão de S. Ex.^a R.^{ma}, e era encantador vêr o respeito com que as creanças os recebiam, beijando o sagrado anel.

Seguiu-se a recitação de alguns discursos e poesias pelas alumnas, sendo a primeira a erguer a sua voz diante do Primaz das Hespanhas a menina Caidilla Gomes da Silva que, com a verbosidade, pausa, unção com que o fez, mostrou bem o quanto vale o ensino das religiosas, como ellas sabem infiltrar o sentimento catholico-religioso na alma de suas educandas, como sabem desenvolvê-las na leitura, ensiná-las a comprehenderem o que leem, e a dar-lhes um certo desembaraço, sem deixarem de ser humildes, como devem ser as meninas christãs. Este primeiro discurso, dirigido a S. Ex.^a R.^{ma} mereceu palavras de louvor, que o bondoso Prelado dirigiu á recitante, e uma salva de palmas recompensou o rubor que ás faces da encantadora creança subira.

N'outro lugar damos copia d'este discurso, que podemos haver, e por elle avaliarão os nossos leitores o que é uma escola de meninas dirigida por Irmãs da Caridade, e qual o espirito que alli domina.

Em seguida fez-se ouvir uma outra menina Maria de Jesus, que notou o que era a mulher rehabilitada pelo christianismo, e como foi elle que abriu á mulher as portas da escola. Este, que foi como o outro applaudido, não o podemos ainda haver; irá quando o tivermos. Ainda uma outra menina recitou uma poesia, fructo da robusta veia

poetica d'um collaborador d'esta Revista, intitulada—*A Tentação*. E' das mais bellas producções que temos lido e com que brindaremos nossos leitores, quando o auctor nos der para isso licença.

Em seguida sahio S. Ex.^a R.^{ma} da sala, abençoando aquelle encantador grupo de creancinhas, que se ajoelhavam reverentes á passagem do Representante do Vigario de Jesus Christo, enquanto outras repetiam o hymno das Filhas de Maria, afirmando assim a sua fé logo na primeira estrophe:

«Muito embora que o erro após si
Leve a turva descrente arrastada;
Legião do sublime estandarte,
Só da fé nos convida á cruzada.»

Assim findou tão agradável festa. Se lá estava algum inimigo das Irmãs da Caridade, veria n'ellas, nas figuras humildes das filhas de S. Francisco, destacando o preto da estamenha em que se envolvem, de entre as toucas alvissimas das creanças, as obreiras de tudo aquillo que se ali realisára, por que são ellas, com o seu amor para com as creanças, com a sua dedicação, com os sacrificios que fazem, que levam uma escola a taes alturas. A' meza da Ordem mil parabens; mas a vós, santas operarias do progresso e da civilização, todos os louros d'esta festa escolar, que tanto havia de agradar ao nosso bom Pae o Ex.^{mo} e R.^{mo} Sr. Arcebispo Primaz.

Deixamos para o n.º seguinte o resto, porque longo vae já o que ali fica.

Para um jornal portuense deram a seguinte noticia:

«*Vizoa*, 3.—Segunda-feira, no fim do *Te-Deum* que se celebrou na cathedral em acção de graças pelo anniversario natalicio de sua majestade el-rei, e quando o ex.^{mo} prelado estava já para entrar na sua carruagem sala do templo o prestito acompanhando o Viatico a um enfermo.

O virtuoso prelado mandou immediatamente retirar a carruagem e collocou-se atraz do pallio, ordenando que os seminaristas tomassem igualmente lugar no prestito.

O senado viziense, muitos convidados militares e civis e os clérigos seguiram o exemplo do prelado e da mesma forma um grande concurso de gente que estacionava no largo.»

Como é commovente o proceder do venerando Preado! E como haviam ficar corridos alguns dos que não tiveram outro remedio que acompanhar o Sagrado Viatico, e que, quantas vezes, terão procurado a esquina de uma rua para se furtarem ao trabalho de tirar o chapéu, em idênticas circumstancias!

Louvores, mil louvores ao virtuoso e santo Bispo!

No mesmo jornal d'onde tiramos a noticia acima transcripta encontramos outra, de que tambem gostamos:

«Sua Magestade a rainha vae mandar recolher ao convento do Calvario, em Lisboa, duas meninas, filhas de um fidalgo, que actualmente se acha em precarias circumstancias.»

Ainda bem que S. M. a rainha reconhece que os conventos servem para alguma cousa. Bom era que S. M. se interessasse por todos os conventos para que a caridade, que a augusta princeza agora exerce, possa ser, agora e sempre, exercida, por quem seja amigo dos infelizes, que é para que serviam, principalmente, os conventos.

Foi nomeado professor de sciencias ecclesiasticas do Collegio das Missões ultramarinas, d'onde foi alumno, o R.^{mo} Padre Sebastião José Pereira, ha pouco chegado do ultramar, onde prestou relevantes serviços como missionario, serviços que os annaes das missões catholicas na Africa registrarão com letras de ouro.

Querem os nossos leitores saber como é que um Bispo, á imitação dos antigos Bispos, que foram sempre os inimigos declarados da escravidão, deseja celebrar o Jubileu Sacerdotal do nosso Santo Padre Leão XIII? Escutem as palavras do illustre e virtuoso Preado Olindense, D. José da Silva Barros, e digam-nos depois se os catholicos são ou não, os mais dedicados amigos dos escravos, promptos sempre a quebrarem-lhe as cadeias infamantes.

Diz S. Ex.^a R.^{ma}:

«Este Jubileu, que vae reunir em torno do Pontífice universal e em um sentimento de amor a todas as nações catholicas, nos proporciona a mais bella occasião de assegurar ao Santo Padre, que cessará entre nós este agoute vergonhoso que seus predecessores combateram em todas as épocas. Fallo da abolição da escravatura entre nós. Sim, queridos irmãos, é preciso que possamos dizer a Leão XIII, que para honrar o seu Jubileu e tomar n'elle uma parte muito honrosa, os brazileiros renunciaram para sempre aos direitos que possam ter n'esse commercio de escravos, contra o qual tantas vezes a Igreja tem levantado sua voz. E por outro lado, que coincidência melhor que esta para encher de doce satisfação o Pae universal? Lembrae-vos que em Roma se está preparando para então, a canonização do beato Pedro Clavel, o apostolo dos negros.

Eu não posso mandar aos que teem escravos; mas peço-vos queridos filhos, com todo o fogo da caridade, que os torneis livres. Seja esta a vossa offerta, afim de que eu possa depositar aos

pés do Santo Padre esta declaração: *A diocese de Olinda não conta em seu seio nenhum escravo!*»

Formoso rasgo de caridade! Na terra do ouro e das riquezas, um Preado não pede a seus filhos ouro, nem outras dadas; pede a liberdade dos escravos!

Parece impossivel, que depois de tantos seculos, se observem ainda actos do mais atroz selvagismo! Mas é verdade! Não chegam desenove seculos de luz para encaminhar á civilização multos espiritos desvairados.

A seguinte noticia, que o nosso collega de Lamego, «O Affonso Henriques», nos transmitta é uma prova do que deixamos dito:

«Uns scelerados, que desconhecem o temor de Deus e que não teem na vida conta o magestoso respeito devido á Sua sancta religião, penetraram na igreja de Cedovim e roubaram alguns objectos necessarios ao culto divino e entre elles,—o que é o cumulo do sacrilegio!—levaram o Vaso Sagrado, que continha dentro as Augustas Especies, cujo paradeiro é ainda ignorado.

E' monstruoso e nefando tal attentado, como nefando e monstruoso o sacrilegio que o precedeu.

O Ex.^{mo} Coadjutor de Lamego, D. João Rebello Cardozo de Menezes, para desagravo e aplacação da Justiça de Deus, ordenou se fizessem preces na Sé Cathedral d'esta cidade, bem como nas igrejas da freguezia de Cedovim.»

Juntemos nossas preces ás dos catholicos de Lamego, como desagravo de tão estúpido attentado.

E' bom que se torne conhecido o seguinte documento, para que certos *metaninos*, que blasonam de sabios, não fiquem sempre sabendo que qualquer patusco, que durante a vida nada quiz com a Igreja, hade ter sepultura christã, como os verdadeiros crentes. E' bom saber-se, para que uns não sejam fracos, e outros não imponham a sua auctoridade.

Falla um bispo, respondendo a uma auctoridade civil. Escutam:

«Em resposta á sua communicação, datada de 13 do corrente, relativa á negação de sepultura ecclesiastica de um cadaver de Aviles, tenho a honra de lhe manifestar, que a Igreja catholica não exerce nunca coacção sobre as consciencias, e com muito sentimento, mas com firmeza, se retira, sempre que a sua acção salutar é repellida com obstinação.

«A questão de sepultura sagrada não a resolvem nem a Igreja, nem os seus ministros; é um negocio que o interessado deixa definitivamente resolvido no seu fallecimento, como succedeu no

caso de Aviles, que motiva esta comunicação.

«Os inconvenientes que se seguem pela tardança de inhumação, e que V. recorda no seu officio, são imputados unicamente á auctoridade local de Aviles, que com menosprezo das leis ecclesiasticas e civis, e passando por cima da auctoridade e do poder do parochio, dispoz, ou permittiu, que violentamente se introduzisse no cemiterio catholico o cadaver de quem viveu e morreu na impenitencia; em vez de o conduzir, como é de justiça, e como se preveniu ao mesmo finado e consentiu n'isso, ao cemiterio civil. E não só se violou o foro da Igreja em assumptos sagrados da sua exclusiva competencia, senão que se levou a cabo com ostentação e escandalo e indignação dos catholicos, que viram profanado o logar onde repousam as suas familias; sobre cujo incidente dispuz hontem mesmo que se instruissem as opportunas diligencias para exigir a responsabilidade ao que fôr culpado.

«E' quanto tenho a honra de manifestar a V., sentindo deveras que V. se permittisse resolver por si mesmo um assumpto que não compete á auctoridade civil.

«Deus guarde a V. por muitos annos. Oviedo, 14 de setembro de 1887.—Fr. Ramon, Bispo de Oviedo.—Snr. Governador civil interino de Oviedo.»

Archive-se. Isto é bom saber-se, por que é arma para a todo o tempo fazer fogo.

Entre muitas casas que possui Braga, dirigidas por senhoras religiosas, destinadas ao ensino, merece especial menção o Asylo de D. Pedro V, ainda ha pouco caminhando como o caranguejo, e hoje n'um estado florente, desde que a digna direcção, de que fazia parte um nosso illustre patricio, chamou para o dirigir as Irmãs de S. José.

N'este asylo; ou na igreja do mesmo, teve lugar ha dias a commovente e pathetica solemnidade da primeira communhão das meninas asyladas, que o correspondente de Braga para o *Primeiro de Janeiro*, descreve assim:

«Na igreja do asylo de D. Pedro V foi no domingo ultimo ministrada a Santa Eucaristia ás meninas asyladas que pela vez primeira eram recebidas n'este banquete sacramental.

A leitora que tem assistido a muitas funções d'igreja, mais pomposas do que

esta, talvez julgue formar uma ideia exacta do que seria a festa da primeira communhão no asylo de D. Pedro V; pôde acertar, mas duvido.

Eu lhe conto o que vi:

Vinte e duas meninas, que mais pareciam serafins, rutilantes de graça e candura, vestidas de branco, simbolo da pureza, com a fronte adornada de capellas de flores e as faces incendidas



A CONSPIRAÇÃO NO CONVENTO

pelo casto rubor, ajoelhavam reverentes e recebiam o Deus sacramentado: duas virgens, vestidas de anjos, seguravam a toalha, e outras duas lançavam pétalas de flores sobre a mesa Eucaristica; e o órgão gemia, e as vozes suavissimas das asiladas cantavam himnos ao Deus d'amor, e os corações vibravam n'um doce enlevo, n'um santo extasis, e todo aquelle templo apresentava um reflexo do paraíso.

N'esta angelica solemnidade, fez um commovente discurso, allusivo ao acto, um distinto orador sagrado, o r.^{mo} Padre Luiz Gomes da Silva.»

Porque muito gostamos d'estas festas, reproduzimos a noticia, e tambem para mostrar a certa gente, que parece ter medo de ser levada no embrulho pelos Jesuitas, de que taes festas só teem um merecimento—o de afervorar a piedade das creanças, e fazel-as verda-

deiramente amar o bello, o grandioso da Religião Catholica.

Nada ha que temer d'estas praticas, e mal anda quem d'ellas se arreceia.

O nosso governo, annunciou concurso, por praso de 30 dias para quatro canonicatos nas Sés do Algarve, Coimbra, Evora e Lisboa, e para 3 na Sé do Funchal, e ainda 2 para a Sé de Angra.

Já é favor! Ao todo 21 conegos, para 6 cathedraes, incluindo a Patriarchal! Todos estes canonicatos preenchidos não completavam o quadro capitular da Insigne e Real Collegiada de Guimarães, quanto mais o de 6 cathedraes, em algumas das quaes ha apenas um conego!

Mas, vamos andando, o governo não quer arrebentar o paiz com conegos!

E não quer, porque lá tem suas rasões. O catholicismo está dia a dia a augmentar o numero de seus adeptos e o governo portuguez, não quer que se diga que elle ajuda a esse progresso; e faz muito bem. Mas elle, o catholicismo, vae alargando suas fronteiras, vae estendendo seus dominios, embora Portugal, graças aos seus ministros, esteja sempre com a brida testa, no que toca a conegos e padres.

Mas reproduzamos a seguinte noticia, que foi com esse fim que démos o palavriado que ahí fica:

«Segundo uma recente estatistica feita por um professor allemão, a Igreja ca-

tholica conta actualmente, nas diferentes partes do mundo, 432 milhões de fieis. Em vinte annos o numero dos catholicos augmentou cerca de 200 milhões, apesar da continua perseguição movida contra o catholicismo.»

J. de Freitas.

AOS NOSSOS ASSIGNANTES DA INDIA

De novo declaramos que nos não mandam notas dos bancos chinezes, ou japonezes, nem mesmo de qualquer outro das possessões inglezas, porque não tem curso aqui, e de nada nos servem. O melhor meio é mandar por via do Banco Nacional Ultramarino, que tem agencias em todas as terras importantes da India.

Teixeira de Freitas.